



## **SITUATION – 2 ANS – PORTUGAL (en portugais)**

### **RELATORIO DE ACTIVIDADES**

A produção de tabaco em Portugal atingiu o seu máximo após a entrada de Portugal na União Europeia. Pouco após essa entrada, a UE definiu quotas de produção máxima candidatas à ajuda comunitária para cada país produtor tendo sido atribuída a Portugal uma quota de 6.900 toneladas.

As sucessivas reformas da OCM tabaco e a incerteza sobre o futuro das ajudas comunitárias ao sector, levou a que a produção fosse diminuindo de ano para ano mas sempre rondando as 5.300 toneladas.

Com as decisões do Conselho de 2004 a situação agravou-se substancialmente apoiada na decisão do Governo português de desligar as ajudas em 50%. Este desligamento foi o suficiente para que muitos produtores abandonassem a cultura levando ao encerramento da única fábrica de transformação existente no continente português. A partir desse momento tornou-se obvio para os produtores portugueses que se impunha a reconversão rápida da cultura tendo as associações de produtores realizado numerosos estudos que apontaram algumas, poucas, alternativas de investimentos que dependiam da possibilidade de serem realizados colectivamente dado exigirem estruturas de transformação e comercialização que ultrapassavam largamente as capacidades individuais dos produtores.

O Ministro da Agricultura português numa demonstração de total arrogância e incapacidade decidiu ignorar os problemas e as propostas de solução.

Assim, nos últimos dois anos a produção de tabaco em Portugal reduziu-se drasticamente, tendo a mesma sido de 2468 toneladas, entre virgínia e burley, em 2006, que ocupou 838 ha e 199 produtores e de apenas 1378 ton em 2007 produzidas por 147 produtores e numa área total de 479 ha.

Para a campanha de 2008 encontram-se contratadas cerca de 1300 ton.

Esta drástica redução deve-se, por um lado, à aplicação do desligamento das ajudas e da modulação, quer obrigatória (5%) quer voluntaria (15%), que reduziu o prémio à cultura, e por outro ao aumento exponencial dos custos de produção, verificando-se aumentos de 22% no gasóleo, 43% no gás e 110% nos adubos utilizados na cultura.

Face a este abandono da cultura, nos últimos dois anos a APT tem insistido com o Ministério da Agricultura Português na inclusão no Programa de Desenvolvimento Rural, de um programa de reconversão da cultura do tabaco, de modo a que os 50% das ajudas ao tabaco, que serão desligadas na totalidade a partir de 2009, destinados ao desenvolvimento rural, sejam afectados ao universo dos produtores de tabaco, possivelmente através da atribuição de majorações aos projectos apresentados pelos mesmos.

A APT tem também colaborado activamente na realização de projectos, financiados pelo Fundo Comunitário do Tabaco, para busca de alternativas à cultura.

Para além da defesa do futuro dos produtores de tabaco e do sector a APT tem tentado melhorar a qualidade e rentabilidade da produção em Portugal, tendo com esse objectivo contratado tabaco com duas empresas de transformação nos últimos dois anos, uma das quais apresentou preços mais competitivos, e na actual campanha contratou com uma terceira empresa.

A situação dos produtores portugueses é das mais graves de toda a União devido à total ignorância pelos produtores das intenções do Ministério da Agricultura para além da já grave ignorância sobre as futuras decisões da Comissão e do Conselho.

Esperemos que este Congresso, as suas decisões e o empenhamento e organização dos produtores europeus permita alterar esta situação permitindo aos produtores europeus e portugueses voltarem a poder encarar o futuro com esperança.